Toponímia entre mares: formação de sinais toponímicos em Portugal e no Brasil

Toponymy across the ocean: formation of toponymic signs in Portugal and in Brazil

Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-2510-1786
alexandre.sousa@fale.ufal.br

Isabel Correia
Centro de Investigação e Inovação em Educação – InEd, Politécnico de Coimbra, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-1798-2165
icorreia@esec.pt

Bruno Gonçalves Carneiro
Universidade Federal do Tocantins, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-7417-2548
brunocarneiro@mail.uft.edu.br

Amílcar José Morais
Escola Superior de Educação de Coimbra, Politécnico de Coimbra, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-0051-658X
amilcarjosemorais@gmail.com

Resumo: Neste artigo, descrevemos a forma de sinais topônimos da língua brasileira de sinais (Libras) e da língua gestual portuguesa (LGP), com particular atenção ao papel do corpo e da gestualidade na nomeação de lugares. Trata-se de sinais icônicos, que preservam características relacionadas ao processo de concepção. O corpus é composto por dez sinais – cinco da Libras e cinco da LGP – todos caracterizados por forte iconicidade. Essa propriedade permite que cada sinal preserve elementos ligados à percepção, às práticas socioculturais e à concepção de mundo das comunidades surdas brasileiras e portuguesas, refletindo modos particulares de representar visual e espacialmente os referentes geográficos. A descrição dos sinais considera, sobretudo, o papel do corpo na organização das línguas de sinais, dialogando com perspectivas que enfatizam a centralidade da experiência corporal na cognição e na estrutura linguística (Johnson, 1992; Langacker, 2008). Adicionalmente, discutimos a emergência e a lexicalização

de estruturas semilexicalizadas, como classificadores, conforme observado em estudos sobre línguas de sinais (Carneiro, como citado em Carneiro et al., 2023; Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; Zeshan, como citado em Emmorey, 2003). Esses recursos contribuem para a construção imagética dos sinais e para a representação esquemática de características geográficas ou culturais. Os resultados indicam que as motivações para a formação dos topônimos analisados abrangem aspectos culturais, como vestimentas típicas, adereços e festividades associadas aos lugares nomeados, bem como elementos prototípicos da geografia local, especialmente acidentes hidrográficos, além de características estruturais de edificações e pontes. Observamos que a experiência corporal gera imagens visuais e cinestésicas que são posteriormente fixadas na forma dos sinais, revelando como os processos de concepção se traduzem em escolhas fonológicas específicas dentro dos sistemas da Libras e da LGP. Ainda que alguns sinais apresentem traços que sugerem influência da Língua Portuguesa, a iconicidade e a gestualidade permanecem como princípios centrais na construção desses topônimos. O estudo contribui para os estudos onomásticos em línguas de sinais ao evidenciar a centralidade da corporeidade e da iconicidade na formação de topônimos, ampliando a compreensão dos processos de nomeação em perspectiva comparada.

Palavras-chave: Toponímia, Iconicidade, Língua Brasileira de Sinais, Língua Gestual Portuguesa, Experiência corporal.

Abstract: In this article, we describe the forms of toponymic signs in Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese Sign Language (LGP), with particular attention to the role of the body and gesturality in the naming of places. The corpus consists of ten signs—five from Libras and five from LGP—all characterized by strong iconicity. This property allows each sign to preserve elements related to perception, sociocultural practices, and the worldview of Brazilian and Portuguese Deaf communities, reflecting particular ways of visually and spatially representing geographic referents. The description of the signs considers, above all, the role of the body in the organization of sign languages, drawing on perspectives that emphasize the centrality of bodily experience in cognition and linguistic structure (Johnson, 1992; Langacker, 2008). Additionally, we discuss the emergence and lexicalization of semilexicalized structures, such as classifiers, as observed in studies on sign languages (Carneiro, as cited in Carneiro et al., 2023; Zeshan, as cited in Dixon & Aikhenvald, 2003; Zeshan, as cited in Emmorey, 2003). These resources contribute to the imagistic construction of signs and to the schematic representation of geographic or cultural features. The results indicate that the motivations behind the formation of the analyzed toponyms encompass cultural aspects—such as traditional clothing, adornments, and festivities associated with the named places—as well as prototypical elements of the local geography, especially hydrographic features, in addition to structural characteristics of buildings and bridges. We observe that bodily experience generates visual and kinesthetic images that are subsequently fixed into the form of the signs, revealing how conceptualization processes translate into specific phonological choices within the Libras and LGP systems. Although some signs display traces suggesting the influence of Portuguese, iconicity and gesturality remain central principles in the construction of these toponyms. The study contributes to onomastic research in sign languages by highlighting the centrality of corporeality and iconicity in the formation of toponyms, thereby expanding the understanding of naming processes from a comparative perspective.

Keywords: Toponymy, Iconicity, Brazilian Sign Language, Portuguese Sign Language, Embodied experience.

1 Introdução

Independentemente de sua modalidade, as línguas de sinais apresentam propriedades linguísticas inerentes às línguas naturais, mas também possuem características singulares que perpassam os sistemas de modalidade visual-espacial. Enquanto línguas individuais, elas possuem sistemas de organização específicos e evidenciam a relação entre a experiência corporal, os processos conceptuais e o entendimento da realidade.

A linguística das línguas sinalizadas nos convida a desvendar instâncias da organização léxico-gramatical desses sistemas e de suas comunidades de sinais, além de revisitar aquilo que tem sido estabelecido para as línguas do mundo, tendo em vista que grande parte das generalizações foi realizada a partir de estudos de línguas orais.

O levantamento e a descrição de topônimos em línguas de sinais são caminhos oportunos para desvendar tais instâncias organizacionais. Um olhar atento sobre a motivação e as características dos nomes dos lugares pode revelar aspectos da história, da cultura e da concepção de mundo de seus sinalizantes. Por isso a necessidade de uma análise para conhecermos um pouco mais sobre o ato de nomear e, assim, não atenuarmos a riqueza envolvida nesse comportamento humano.

A onomástica, subárea da lexicologia voltada ao estudo dos nomes próprios, abrange campos como a antroponímia (atribuição de nomes a pessoas), a toponímia (denominação de espaços geográficos urbanos e rurais) e a zoonímia (nomeação de animais). Inclui, ainda, a teonímia, referente a divindades e seres sagrados; a onionímia, relativa a estabelecimentos, marcas e produtos; e a astronímia, voltada aos astros celestes. Segundo Sousa (2022), no âmbito das línguas de sinais, a onomástica deve integrar aspectos das experiências e culturas surdas, bem como os contatos linguísticos e as cosmovisões que se refletem na constituição da língua e em seus processos interacionais.

Neste trabalho, descrevemos a forma de alguns sinais topônimos da língua brasileira de sinais (Libras) e da língua gestual portuguesa (LGP), com particular atenção ao papel do corpo e da gestualidade na nomeação de lugares. Trata-se de sinais icônicos, que preservam características relacionadas ao processo de concepção. Nesse sentido, baseamo-nos no papel da experiência corporal na organização das línguas (Johnson, 1992; Langacker, 2008), bem como na emergência e lexicalização de estruturas semilexicalizadas (classificadores) em línguas de sinais (Carneiro, como citado em Carneiro et al., 2023; Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; Zeshan, como citado em Emmorey, 2003).

O estudo apresenta um carater qualitativo e descreve a forma de alguns sinais topônimos, a fim de evidenciar a relação transparente entre forma e significado nas línguas

sinalizadas, a nível lexical, e o papel da experiência corporal e da gestualidade formação de topônimos icônicos.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez topônimos: cinco sinais referentes a cidades portuguesas e cinco relativos a cidades brasileiras. Trata-se de uma seleção exemplificativa e não exaustiva, coerente com a natureza qualitativa do estudo. A proposta não visa quantificar o grau de iconicidade nos topônimos, tampouco mensurar a prevalência dessas características em oposição a outras tipologias toponímicas ou às línguas orais.

Os topônimos selecionados são icônicos e, por isso, deveriam apresentar formas sublexicais que remetam a características relacionadas ao processo de concepção sobre o lugar, a partir de formas geométricas, manipulação de objetos, ou movimento e localização de referente que designam. Os topônimos da Libras são sinais de capitais, extraídos do Corpus da Libras (Quadros *et al*, 2020) e os topônimos da LGP são sinais de capitais de território, extraídos de Morais & Correia (2022).

Além da introdução, o artigo subdivide-se em outras três seções. A segunda seção aborda o processo de concepção na organização léxico-gramatical das línguas naturais, com foco nas línguas de sinais, fundamentando-se na experiência corporal, na gestualidade e nos processos metafóricos e metonímicos. Na sequência, as seções 3 e 4 dedicam-se à descrição dos topônimos da língua gestual portuguesa e da língua brasileira de sinais, analisando o papel do corpo na codificação de características icônicas nesses itens. Por fim, a seção 5 apresenta generalizações acerca da descrição e da comparação entre os dados de ambas as línguas.

2 Experiência corporal, iconicidade e lexicalização em línguas de sinais

A língua é um sistema simbólico proveniente da nossa concepção, apreensão e do nosso envolvimento com o mundo. Sua estrutura léxico-gramatical forma um conjunto complexo e organizado de elementos que codifica (e ao mesmo tempo remete ao) nosso processo de entendimento da realidade. A partir desse caráter imagético, segundo Langacker (2008), as línguas possibilitam renovadas concepções, a construção de novos significados e a (re)significação do mundo. Interagimos e nos constituímos alicerçados nelas.

De acordo com Langacker (2008), o processo de concepção é dinâmico e acontece a partir de esquemas de imagens, que consistem em padrões esboçados de atividades e que são abstraídos da experiência corporal. Esses esquemas organizam a atividade mental e fundamentam as elaborações mais abstratas, em que o sujeito evoca dados da memória e manipula conceitos que estejam relacionados às concepções fundamentais. Dessa forma, a

metáfora é essencial, já que aspectos do domínio-alvo são alcançados a partir da experiência corporal.

Os esquemas de imagens formam uma rede de significados a partir de vários domínios cognitivos, que envolvem, por exemplo, movimento, manipulação e percepção de diferentes modalidades. Para Langacker (2008), o domínio (ou a matriz de domínios) consiste em um recinto semântico em que o processo de concepção ocorre e do qual emerge um conceito específico. Cada domínio tem uma abrangência potencial denominada de escopo da predicação, a qual exige do enunciado um recorte dimensional de acordo com o modo em que uma situação é concebida. Dessa forma, o significado vai envolver tanto sua base conceitual quanto a interpretação atribuída a essa base. Os domínios também são acessados de maneira diferente na construção de significados, sendo sujeitos ao contexto do enunciado e ao uso.

Ademais, os domínios envolvidos na significação são dependentes da cultura. De acordo com Everett (2020), o conhecimento compartilhado é reflexo dela e também subjacente a ela. A situação de um grupo de amigos caminhar lado a lado em centros urbanos, ou em fila única na selva ou em uma vila, surge a partir de suas experiências em contextos específicos. A concepção prototípica de uma mesa, por exemplo, pode variar de acordo com o grupo que a concebe. O mesmo acontece no uso do sistema linguístico (Everett, 2020; Johnson, 1992; Langacker, 2008).

Importante ressaltar que a realidade objetiva é diferente das concepções que elaboramos sobre essa mesma realidade. Nossas concepções, por sua vez, são distintas das estruturas linguísticas que as codificam, ou seja, o sistema linguístico nos conduz à estrutura conceitual, mas atrela-se a outros elementos para a construção de significado.

Segundo Taub (2001), vivemos em um mundo visual. Ao observarmos o nosso redor, verificamos que estamos rodeados por contornos, formas e dimensões, mas essas mesmas entidades nem sempre contam com um som associado. Por isso, há um maior número de esquemas de imagem visuais e cinestésicos do que sonoros associados a conceitos. Nesse sentido, há uma prevalência da relação transparente entre forma e significado nas línguas de sinais em relação às orais, visto que essas características imagéticas podem ser preservadas pelo sistema articulatório das línguas sinalizadas e dificilmente manifestam-se num sistema de representação acústico. Isso favorece, inclusive, que sinais abstratos também sejam icônicos por extensão metafórica, já que nossa concepção de mundo é corporalmente embasada.

A autora apresenta uma proposta de criação de itens lexicais e aspectos gramaticais icônicos, tanto em línguas oralizadas quanto sinalizadas, descritos a partir dos processos cognitivos de seleção imagética, esquematização e codificação. A seleção corresponde à

escolha de uma imagem (de diversas modalidades sensoriais diferentes) que represente a entidade evocada, coerente com a modalidade da língua. A partir de uma imagem prototípica, ocorre a atividade de esquematização, em que a imagem é destituída de alguns detalhes, de modo a comportar uma forma que possa ser manipulada pelo sistema articulatório e se encaixe em uma categoria semântica da língua em questão. Por fim, a imagem é codificada numa forma linguística que mantém partes da estrutura imagética original.

Importante ressaltar que esse processo perpassa por escolhas de esquemas de imagens e pelo repertório fonético disponível, ambos dependentes da convenção da comunidade de fala. Assim, o esquema imagético não determina a forma icônica da unidade lexical, mas a motiva. Conforme Taub (2001: 19), "iconicidade não é uma relação objetiva entre imagem e referente; ao invés disso, é a relação entre nossos modelos mentais de imagem e referente."

De acordo com Givón (como citado em Haiman, 1985; Givón, 1989), a iconicidade manifesta-se nos níveis lexical e proposicional, bem como em instâncias discursivo-pragmáticas. Essas áreas representam um *continuum* de caráter icônico, que vai do nível da experiência mais concreta ao das noções mais abstratas. Para o autor, a iconicidade está de acordo com o princípio de economia de esforço mental. Afinal, um sistema oriundo de uma experiência corporal codificada é mais fácil para armazenar, recuperar e ser usado.

Sendo assim, a iconicidade prevalece nas línguas de sinais, mas a manifestação da arbitrariedade do signo linguístico não significa a ausência de iconicidade. De acordo com Ferreira (2010), a noção de arbitrariedade pode ser melhor compreendida como convencionalidade, o que não implica a ausência de motivação (Givón, como citado em Haiman, 1985; Givón, 1989).

Em geral, associamos o processo de convenção à arbitrariedade (no sentido de não haver motivação). A convenção e a arbitrariedade são princípios relacionados, mas que não excluem o caráter motivado do sistema. Nas palavras de Leite (2008: 34), "a arbitrariedade diz respeito à convenção, sempre seletiva, que cada comunidade linguística faz de sua experiência."

A metonímia em línguas de sinais também é marcada pela iconicidade. Uma vez que unidades lexicais podem representar aspectos parciais de uma concepção mais ampla, ainda que dentro de um mesmo domínio, esse processo se estrutura a partir de conexões da parte pelo todo, que refletem a experiência corporal dos surdos (Unternbäumen *et al*, 2017).

Ainda em relação à iconicidade em línguas sinalizadas, Zeshan (como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003) ressalta que a composicionalidade semântica observada em alguns sinais não necessariamente ocasiona um *status* morfêmico de unidades sublexicais. Um sinal pode

consistir em unidades sublexicais com significados devido à sua iconicidade, mas isso não significa que essas sejam morfemas.

De acordo com Zeshan (como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; e como citado em Emmorey, 2003), as estruturas conhecidas como classificadores nas línguas de sinais podem ser consideradas formas semilexicalizadas, altamente icônicas e produtivas, em que os componentes sublexicais possuem forte carga semântica. Por conta da semilexicalidade, tais construções precisam ter seu significado atribuído por outros sinais ou pelo contexto. Para Liddell (2003), essas construções parecem depender da experiência corporal, mas o autor não descarta a possibilidade de que alguns significados venham de unidades semelhantes aos classificadores em línguas orais.

Grosso modo, essas estruturas descrevem (1) formas geométricas, (2) manipulação de objetos e (3) movimento e localização de referentes. Em construções que remetem a (1) formas geométricas, as mãos podem assumir diferentes configurações a partir das propriedades físicas do referente. As mãos podem se movimentar ou permanecer no espaço de sinalização para representar um esboço visual do referente, ou, ainda, representar o referente em si. Em construções de (2) manipulação de objetos, a configuração de mão está de acordo com o tipo de objeto manipulado, cujo movimento simula seu uso no mundo real. Claramente, há uma relação entre o objeto manipulado e a configuração de mão envolvida. Em (3) movimento e localização, essas construções remetem à concepção da posição e do movimento dos referentes envolvidos no mundo. O sinalizante as posiciona dentro de uma concepção mapeada no espaço físico imediato. Os demais parâmetros (localização, movimento e orientação das mãos) seriam aspectos gradientes (Carneiro, como citado em Carneiro et al., 2023; Johnston & Schembri, 1999; Kendon, 2004; Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; e como citado em Emmorey, 2003).

Novamente, essas construções são produtivas e podem se tornar lexicalizadas. Johnston e Schembri (1999) definem lexema em línguas de sinais como uma forma definida, regular e fortemente associada a um significado que não é previsível ou um pouco menos específico que os sinais componenciais (semilexicais). Sendo assim, a lexicalização de classificadores, bem como de ações gestuais, gera uma relação de um para um entre forma e significado.

A partir de situações que demandam o uso de gestos de maneira contínua, há uma mudança na complexidade de representação pictórica (altamente icônica). Em um processo diacrônico, essas representações se tornam mais simplificadas e sistematizadas pelo resultado de economia da ação, mesmo mantendo algumas características originais (Carneiro, como

citado em Carneiro et al., 2023; Johnston & Schembri, 1999; Kendon, 2004; McCleary & Viotti, 2011; Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; e como citado em Emmorey, 2003).

Do ponto de vista fonológico, semântico e sintático, os sinais lexicais oriundos de construções classificadoras são distintos de sinais semilexicais (classificadores) (Carneiro, como citado em Carneiro et al., 2023; Johnston & Schembri, 1999; Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; e como citado em Emmorey, 2003). Fonologicamente, os parâmetros dos classificadores podem ser vistos como fonomorfemas devido à sua carga semântica. Mudanças sutis nos parâmetros trazem mudanças de significado. Com o processo de lexicalização, os parâmetros são vistos apenas como fonemas. A forma que inicialmente tinha maior liberdade de articulação se torna fixa. A variação é considerada alofônica.

Em uma perspectiva semântica, os classificadores são componenciais, ou seja, as partes que compõem o sinal contribuem para a construção de significado, que é próximo a uma leitura literal. Com o processo de lexicalização, essa leitura tende a se distanciar de sua construção original. A semântica composicional é perdida e o sinal lexicalizado deixa de ser analisado a partir de seus componentes. O significado do sinal lexical é relativamente independente do contexto e os parâmetros como um todo formam o significado.

Do ponto de vista sintático, os classificadores parecem se comportar como predicados. No caso de construções de (1) formas geométricas, comportam-se como predicados descritivos. As construções de (2) manipulação de objetos predicam sobre objetos e as construções de (3) movimento e localização predicam sobre sujeitos. Pelo fato de terem o significado atribuído por outros sinais (ou pelo contexto), os classificadores podem ser posicionados no final da sentença, bem como ser justapostos por sinais lexicais que, de alguma forma, remetem ao mesmo significado, só que de forma mais genérica. Lexicalizados, os sinais podem funcionar tanto como predicados quanto como argumentos. Isso faz com que nomes e verbos possuam a mesma forma fonológica. Nessas situações, a função do sinal é definida pela posição sintática.

A lexicalização de construções classificadoras parece ser um dos processos de formação de sinais relacionado à nomeação de lugares, que gera topônimos icônicos. Nesse sentido, o processo de nomeação do lugar pode perpassar por escolhas de esquemas de imagens, dependentes da experiência corporal diária e pelo repertório fonético disponível da língua envolvida, ambos dependentes da convenção da comunidade de fala. Em certa medida, reflete ainda as ações que os sinalizantes experienciam na relação com o mundo. Nas seções a seguir, descrevemos topônimos da Libras e da LGP, cuja forma preserva sua motivação e outros processos relativos à concepção sobre o lugar.

3 Topônimos em LGP: uma história a começar

A LGP é o idioma utilizado pela comunidade surda portuguesa para representar o mundo. Essa língua está reconhecida na Constituição da República Portuguesa desde 1997, no artigo 74, alínea h, como língua de ensino da comunidade surda, que importa preservar e proteger. Além disso, é ministrada como primeira língua a alunos surdos em escolas de referência para o ensino bilíngue, regulamentadas pelo *Decreto-Lei nº 54/2018*, podendo também ser ofertada por escolas para alunos ouvintes (República Portuguesa, 2005, 2018).

Tal como outras línguas de sinais, a LGP organiza-se em unidades mínimas discretas e significativas, que combinadas entre si formam unidades maiores. A maioria dos sinais utilizados parece ter motivação icônica e cultural (Correia, 2009, Correia, Sousa & Oliveira, 2020), ou seja, a criação do sinal advém da interpretação que os sujeitos surdos fazem dos referentes extralinguísticos, sendo condicionados pelo meio envolvente, pela modalidade da língua e, também, pela cultura do país. Além disso, com a crescente escolarização das pessoas surdas alguns sinais apresentam na sua gênese empréstimos do português quer seja através do alfabeto manual, quer de tradução direta. Tal modifica a língua em uso não apenas em termos de novos vocábulos, mas, também em questões estruturais, como a ordenação sintática do discurso (Correia, Santana & Silva, 2020).

A toponímia, ramo da onomástica, dedica-se ao estudo da forma, motivação e variação dos nomes de locais, sejam cidades, ruas, regiões, bairros, entre outras topografias nomeadas pela comunidade linguística. Muitas vezes a origem dos topônimos perde-se na história, sendo necessário examinar documentos antigos para compreender a sua etimologia, processo muitas vezes demorado e nem sempre com resultados claros. A antroponímia é um campo que admite mais variação, nomeadamente a inclusão de empréstimos ou uma abertura maior a novos termos resultantes do dinamismo social e da globalização. Atualmente, em virtude do respeito ao multilateralismo que norteia a política linguística contemporânea, não se pode mais falar em conservadorismo ou rigidez do português europeu na onomástica. Isso se reflete, inclusive, na aceitação de prenomes de cidadãos adotandos de nacionalidade portuguesa (Rio-Torto, 2022).

Os investigadores portugueses têm dedicado esforços em compreender as origens e as relações dos nomes gestuais, dados pela comunidade surda às pessoas com quem entra em contato no seu cotidiano, baseando-se numa caraterística física, psicológica, comportamental ou até na inicial do seu nome civil (Carvalho, 2006). Todavia, além da dissertação de mestrado já referida, publicada em formato artigo mais recentemente (Carvalho, 2019), e de um relatório final de mestrado centrado na importância da atribuição do nome gestual a pessoas ouvintes (Sopas, 2025), não temos conhecimento de outros estudos em torno desta problemática. No que

concerne a motivação na criação de topônimos em LGP, não temos notícia de qualquer estudo além deste e de um outro de dois dos autores deste artigo (Morais & Correia, 2022; Correia & Morais, 2024). Em termos europeus, a situação não é muito diferente, destacando-se um estudo de Paales (2011) sobre a toponímia em língua de sinais da Estônia. A maioria dos estudos versa sobre línguas de sinais indígenas (Nonaka, 2015) em particular sobre sinais pessoais ou centra-se no estudo da toponímia na Libras, aspecto que será pormenorizado mais abaixo.

Não existe um corpus registado das capitais de distrito em LGP. Os sinais estão disponíveis no glossário internacional *online*, www.spreathesign.com, todavia, não estão descritos. Sendo um dos autores deste texto uma pessoa surda, nativa e professor de LGP, procedeu-se à captação de vídeos simples dos topónimos gestuais das capitais para uma consulta mais fluida, sem necessidade de efetuar busca por entrada. Para que fosse possível compreender a motivação etimológica dos vocábulos, recorreu-se, de maneira informal, sem captação por vídeo, a seis consultores surdos provenientes dos próprios locais, maioritariamente na faixa etária dos 40-50 anos, quatro homens e duas mulheres, bem como a uma personalidade representativa da cultura e da comunidade surdas portuguesas, o Professor José Bettencourt, primeiro professor surdo em Portugal ao redor dos anos 80 do século passado, que esclareceu dúvidas e hipóteses sobre a motivação dos sinais. Embora as capitais das ilhas não sejam politicamente consideradas distritos, optou-se por incluí-las, seguindo a linha de que também aí habitam membros da comunidade surda portuguesa. Os sinais podem ser vistos aqui, https://youtu.be/roRQpGSzgdw?si=Ibdk3EczvcKQuteU.

Como se sabe, as comunidades surdas tendem a transmitir suas tradições de forma oral, no contato surdo-surdo. Por isso, o registro escrito que descreve a motivação dos sinais toponímicos existente até o momento é o que foi apresentado por dois dos autores deste texto (Morais & Correia, 2022). Os processos de formação dos vinte sinais toponímicos descritos revelam que grande parte deles — oito sinais: VIANA DO CASTELO, BRAGA, COIMBRA, AVEIRO, ÉVORA, GUARDA, FUNCHAL e FARO — baseia-se em características icônicas do local, seja em relação à geografia ou a questões da cultura portuguesa, como trajes ou monumentos representativos. O segundo processo de criação toponímica mais evidente, que originou seis sinais (BRAGANÇA, VISEU, LEIRIA, SETÚBAL, PORTALEGRE e SANTARÉM), baseia-se na atribuição do sinal de uma pessoa surda ao seu local de origem. Esses topônimos foram estruturados na Casa Pia (hoje Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira), a primeira escola de surdos em Portugal, fundada em 1823. Durante

muitos anos, essa escola acolheu estudantes[1] de todo o território português; nela, muitas localidades ganharam nomes baseados no sinal do aluno que vinha de lá. Ou seja, como já mencionado (Morais & Correia, 2022), um antropônimo dá origem a um topônimo.

Além dos processos descritos, encontramos o sinal de CASTELO BRANCO, que resulta da tradução literal do nome em português para a LGP, e um sinal misto para VILA REAL, que utiliza o alfabeto manual para a primeira letra da primeira palavra e traduz a segunda. Dois sinais, LISBOA e PORTO, são inicializados, ou seja, articulados com configuração do alfabeto manual, enquanto o sinal de BEJA utiliza a letra inicial e uma característica cultural da região. Por fim, o sinal de PONTA DELGADA utiliza uma configuração do alfabeto manual da língua de sinais americana (ASL) e um monumento da região (Morais & Correia, 2022).

Assim, considerando que a motivação icônica prevalece na criação dos topônimos, selecionamos cinco dos oito sinais descritos. Conforme mencionado na introdução deste artigo, a seleção é exemplificativa e não exaustiva. O critério de escolha, além do numérico, baseou-se nos sinais que revelavam maior grau de iconicidade em sua gênese, enquadrando-se na proposta de Taub (2001) — seleção de características visuo-culturais, esquematização e codificação — que seguimos neste trabalho. A seguir, descrevemos os sinais de COIMBRA, BRAGA, ÉVORA, VIANA DO CASTELO e GUARDA. Na descrição, relacionaremos a motivação dos sinais com a proposta de Taub (2001).

3.1 Sinal COIMBRA

O primeiro sinal nomeia a cidade de Coimbra, capital distrital localizada no centro de Portugal. Esse local é conhecido pela tradição estudantil universitária, abrigando uma das mais antigas universidades europeias, a conhecida Universidade de Coimbra. Os estudantes universitários são um símbolo da cidade e usam um traje característico, com uma longa capa, mostrado na Figura 1, a seguir, especialmente durante festividades como a Queima das Fitas e o fado coimbrão:

Figura 1: Traje acadêmico

[1] Apesar de ter sido no início uma escola masculina, os Sinais usados pelas mulheres Surdas no que concerne a toponímia não são distintos, nem terão sido diferentes, daqueles criados pelos estudantes homens. A antiguidade desta escola conferiu-lhe prestígio tendo sido estes os Sinais que prevaleceram na tradição e na memória da comunidade até hoje.

Fonte: Turismo Universidade de Coimbra (2020).

A Figura 2, a seguir, ilustra o sinal COIMBRA:

Figura 2: Sinal COIMBRA

Fonte: YouTube. Sinal COIMBRA (2025).

O sinal COIMBRA é formado por meio de um processo metonímico da referida tradição local, representando o movimento de jogar a capa estudantil que ocorre na serenata da Queima das Fitas, festa que simboliza o final do primeiro ano de curso. Esse sinal é simples, unimanual, tem como configuração de mão a palma fechada e é executado com uma orientação de mão que se altera por conta da rotação do antebraço no movimento que representa o jogar da capa. Possui um grau de iconicidade elevado reconhecido por utilizadores de LGP e é lexicalizado. Assim, partindo da imagem visual de um movimento recorrente, esta é esquematizada, por metonímia e codificada num sinal que obedece aos parâmetros da língua.

3.2 Sinal BRAGA

O segundo sinal em análise, BRAGA, é também icônico, uma vez que representa a mitra usada por papas e bispos. Em LGP esse é também o sinal de PAPA[2]. É monomanual, apresenta a configuração de mão com a palma fechada e a localização do sinal é na testa, com a qual há contato na execução de três movimentos de toque. O fato de se associar o sinal PAPA a uma cidade do norte de Portugal, Braga, envolve também feições culturais locais. Esse local é conhecido pelas suas múltiplas igrejas e pelos seus santuários, tendo sido uma das primeiras cidades cristãs de Portugal, o que lhe conferiu o epíteto popular de cidade onde se ora (Ribeiro, 2008), cidade dos bispos. Assim, atribuir o sinal PAPA a essa localidade enfatiza a prevalência da cultura local em conjunto com a iconicidade, pois, a imagem desta cidade, desta vez abstrata, como local de muitos bispos conflui na imagem visual da mitra papal estabelecendo-se entre os dois sinais idênticos uma relação homonímica, crendo que o sinal PAPA precedeu o de BRAGA, fato que não pudemos apurar. O sinal BRAGA é também lexicalizado e revela um alto grau de iconicidade obedecendo à imagem visual esquematizada, por metonímia, num signo linguístico. A Figura 3, a seguir, ilustra a mitra na vestimenta do Papa Francisco:

Figura 3: Papa Francisco usando a mitra

Fonte: Brasil Paralelo (2025).

A Figura 4, a seguir, ilustra o sinal BRAGA:

Figura 4: Sinal BRAGA

[2] Este sinal pode ser consultado em www.spreadthesign.com. Enquanto o sinal PAPA representa metonimicamente a mitra, o sinal BISPO, disponível também no *link* que indicamos, remete ao ritual católico de beijar o anel do bispo durante o sacramento da crisma.

Fonte: YouTube. Sinal BRAGA (2025).

3.3 Sinal ÉVORA

O terceiro sinal em consideração, ÉVORA, demonstra um grau de iconicidade mais difuso em relação aos topônimos anteriormente analisados neste texto, ainda que se trate de um sinal resultante da experiência visual do sujeito surdo. Ele é representado por uma mudança fonética[3] do sinal BRANCO,[4] o que, segundo os informantes consultados, remete à cor predominante das casas na região do Alentejo, como ilustra a Figura 5, a seguir. O sinal apresenta uma configuração de mão com a palma fechada e a orientação da mão é voltada para o emissor. É executado por um movimento de fricção no queixo, ocorrendo depois de um movimento de deslocamento para o espaço neutro, numa trajetória horizontal.

Figura 5: Rua de Évora

Fonte: Shutterstock (2017).

Parte dos informantes levanta a suposição de ter se tratado de um sinal de alguma pessoa surda que morou nessa localidade. Se for esse o caso, estamos diante de um fenômeno de

[3] O sinal ÉVORA tem um movimento mais amplo do que o sinal BRANCO, deslocando-se entre o ponto de contato e o espaço neutro. Por questões anatomofisionômicas, o sinal apresenta variações na sua terminação que não nos parecem relevantes para o presente estudo. As variações estão disponíveis nos *links* que providenciamos no corpo do trabalho.

[4] O sinal pode ser consultado em www.spreadthesign.com.

cruzamento no que concerne à motivação do sinal, uma vez que pode representar a cor típica das casas ou uma caraterística física da pessoa surda que dali vinha. Assim, o sinal da pessoa surda pode ter sido proposto pela cor das casas, ou seja, a motivação icónica continua a ser a base da criação do sinal. A Figura 6 nos mostra o sinal ÉVORA:

Figura 6: Sinal ÉVORA

Fonte: YouTube. Sinal ÉVORA (2025).

3.4 Sinal VIANA DO CASTELO

O quarto exemplo que aqui trazemos, VIANA DO CASTELO, é um sinal que se baseia na experiência visual do sujeito e na sua relação com o ambiente geográfico. O sinal executa-se pela configuração de mão com a palma aberta e é orientado para baixo. A localização da mão situa-se junto aos olhos, sendo selecionados quatro dedos para executar um movimento de dedilhar. Esse sinal seria uma representação da linha do horizonte, simbolizada na espuma do mar, que é possível observar de um dos pontos altos de Viana do Castelo, o santuário de Santa Luzia. Desse ponto é possível ver o mar e o rio Lima, como registrado pela Figura 7, a seguir:

Figura 7: Santuário de Santa Luzia

Fonte: Shutterstock (2025).

A Figura 8, a seguir, ilustra o sinal VIANA DO CASTELO:

Figura 8: Sinal VIANA DO CASTELO

Fonte: YouTube. Sinal VIANA DO CASTELO (2025).

No nosso entender, o sinal que aqui tomamos como mais frequente,[5] representado pelo recurso exclusivo à língua nativa, tem motivação icônica. Tal como nos diz Dick (1990: 38), "o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado". No caso em discussão, consideramos que o sinal não revela grande opacidade, uma vez que é a metonímia de um referente do espaço extralinguístico,

[5] Acrescentamos que há um sinal anterior a este que resultava da tradução literal do português. Executa-se a configuração V do alfabeto manual (remontando à inicial de "Viana") e o sinal de CASTELO. A comunidade surda tende a usar o sinal mencionado no corpo do texto, sem interferência do português, que se encontra também registado nas plataformas e nos glossários (cf. www.spreadthesign.com).

materializando-se a ação de ver, na localização do sinal junto aos olhos, e avistar a espuma/ondulação do mar, no dedilhar dos dedos.

3.5 Sinal GUARDA

O último sinal da LGP sobre o qual nos detemos revela, tal como os anteriores, uma motivação icônica. O sinal é produzido com a configuração de mão em gancho simples, apresenta orientação voltada para o emissor e ponto de articulação no queixo. A mão desloca-se na vertical em direção ao espaço neutro, acompanhando um movimento curvilíneo da mão.

A execução desse sinal remete a um tempo passado, que vai até meados do século XX, em que a polícia, nomeadamente a Guarda Nacional Republicana, usava uma farda com um chapéu preso sob o queixo, como a vista na Figura 9, a seguir:

Figura 9: Guarda nacional republicano fardado

Fonte: Machado (2011).

A Figura 10, a seguir, ilustra o sinal GUARDA:

Figura 10: Sinal GUARDA

Fonte: YouTube. Sinal GUARDA (2025).

Outra explicação que obtivemos parte do uso do sinal GELO como ponto de partida para a criação do sinal GUARDA, por este último se referir a uma das cidades mais frias de Portugal. Qualquer que seja a base etimológica, estamos diante de sinais de formação simples com um grau de iconicidade alto, representando, pelo recurso ao processo metonímico, no caso da relação com a farda do guarda, um elemento cultural local e, na segunda possibilidade, a interpretação de fenômenos climáticos como metonímia do local.

4 Cinco sinais toponímicos em Libras

Embora as primeiras publicações sobre topônimos da Libras datem apenas de 2012 (Souza Júnior, 2012; Aguiar, como citado em Albres & Xavier, 2012), recentemente pesquisadores de universidades de diferentes partes do Brasil vêm se dedicando a esse campo. Mais precisamente, vêm sendo realizados estudos sobre topônimos em Libras considerando outras partes do Brasil, a saber, Sergipe (Nunes, 2018), Bahia (Jesus, 2019; Ferreira & Xavier, 2019), Rio de Janeiro (Campello & Lesser (como citado em Castro Júnior, 2019), Pará (Chaves et al., como citado em Castro Júnior, 2019); Goiás (Souza; Novodorski, 2020; Chaibue, 2022) e Tocantins (Miranda, 2020). Podemos citar também os trabalhos de Sousa e Quadros (como citado em Cavalheiro, 2019a) e Sousa e Quadros (2019b) e Sousa (2022), que vêm documentando, descrevendo e analisando topônimos em Libras do Acre, bem como de outras informações relacionadas a eles, com destaque para a sua motivação. Ainda, podemos citar os trabalhos de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019), Urbanski, Ferreira e Xavier (2020) e Xavier e Ferreira (2021), que vêm investigando aspectos fonológicos e morfológicos de topônimos paranaenses.

O território brasileiro é constituído por vinte e sete unidades federativas, além do Distrito Federal, o que totaliza vinte e oito capitais. Ressalta-se que, apesar de iniciativas individuais a nível estadual e regional, ainda não dispomos de uma obra lexicográfica-toponímica que reúna, em um acervo unificado, os sinais de todas as capitais e demais municipalidades.

Para o presente estudo, selecionamos cinco sinais de capitais que apresentam características icônicas em sua forma. Mediante consulta ao *Corpus* de Libras (Quadros et al., 2020), incluímos sinais cujos referentes são designados a partir de formas geométricas, manipulação de objetos, ou por meio de movimento e localização de referentes. A motivação foi identificada a partir de consulta com pesquisadores surdos que atuam no Corpus da Libras de Palmas e de Rio Branco. Conforme reiterado na introdução deste artigo, tal seleção possui caráter exemplificativo, não pretendendo ser exaustiva.

4.1 Sinal FLORIANÓPOLIS

O sinal FLORIANÓPOLIS faz referência à Ponte Hercílio Luz, localizada na capital de Santa Catarina. Esse monumento, registrado na Figura 11 a seguir, é multifacetado, tendo em vista que representa, simultaneamente, a história, a cultura e o turismo de Florianópolis. Culturalmente, é ícone identitário da cidade; historicamente, é um feito da engenharia e símbolo de modernização; turisticamente, é um atrativo central que conecta a paisagem urbana à memória afetiva local e nacional. A ponte é tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e pelo governo do estado, sendo protegida como patrimônio material.

O topônimo FLORIANÓPOLIS em Libras é bimanual e utiliza a configuração de mão em formato de V e posicionadas de forma simétrica. Os dedos mínimo, anelar e polegar ficam flexionados, enquanto os dedos indicador e médio permanecem estendidos. Essa conformação ocorre simultaneamente na MD (mão direita) e na ME (mão esquerda). As mãos realizam um movimento bidirecional, afastando-se do centro em direções opostas: a MD move-se para a esquerda e a ME, para a direita. O sinal é produzido no espaço neutro, sem contato com o corpo. As palmas estão orientadas diagonalmente para baixo: a da MD voltada para a esquerda e a da ME, para a direita.

Figura 11: Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis

Fonte: Naves [s.d.].

Na Figura 12, a seguir, é possível visualizar a produção do sinal:

Figura 12: Sinal FLORIANÓPOLIS

Fonte: YouTube. Sinal FLORIANÓPOLIS (2025).

O sinal representa metonimicamente a forma arquitetônica da ponte, reforçando o vínculo direto entre forma e referente (Taub, 2001). Os esquemas de formação icônica relacionados à forma geométrica e à estrutura física são mobilizados. O sinal reproduz o aspecto visual da ponte, o que mostra a seleção de uma imagem prototípica da cidade. O domínio cognitivo da percepção visual e espacial é ativado, importante para o reconhecimento do lugar. Para isso, há uma seleção da imagem da ponte como marca identitária da cidade, sua forma é esquematizada (reduzida aos contornos principais) e codificada em um gesto linguístico.

4.2 Sinal MANAUS

O sinal MANAUS faz referência ao cocar indígena, elemento característico dos povos originários amazônicos, apresentado na Figura 13, a seguir. Trata-se de um artefato cultural e simbólico de profundo valor coletivo. Ele expressa identidade, autoridade e espiritualidade, sendo parte essencial das práticas de rituais, cosmológicas e sociais. Produzido com penas de aves da floresta, ele representa a conexão entre o humano e o espiritual, entre a terra e o céu, entre o corpo e o cosmos.

Figura 13: Cocar indígena

Fonte: Soares (2017).

O sinal toponímico MANAUS é produzido com uma mão. Inicia-se com a configuração de mão aberta, dedos estendidos e abduzidos, e finaliza-se com a configuração em A, caracterizando, portanto, uma mudança de configuração ao longo da execução. Ambas as mãos apresentam-se abertas e espalmadas, com os dedos inicialmente estendidos e, posteriormente, flexionados na articulação proximal de forma alternada: o movimento de flexão inicia-se pelo dedo mínimo e prossegue sequencialmente até o dedo indicador. O movimento é unidirecional e retilíneo, realizado no espaço neutro, sem contato com o corpo. A orientação das palmas está voltada para baixo. Na testa, os dedos em movimento representam as penas do cocar.

A Figura 14 nos mostra o sinal MANAUS:

Figura 14: Sinal MANAUS

Fonte: YouTube. Sinal MANAUS (2025).

Quando à iconicidade visual e à associação cultural, a escolha do cocar como referência toponímica se estabelece pelo uso de padrões visuais derivados da experiência corporal com objetos simbólicos (Langacker, 2008), com foco na percepção visual e no movimento dos dedos (associável às plumas). Assim, domínios de cultura e identidade étnica são evocados (Everett, 2020), mostrando como a língua reflete o conhecimento partilhado da comunidade.

Percebemos, ainda, que a metáfora incorporada pelos dedos, associados às penas do cocar, representa a riqueza cultural e identitária da região, simbolizando Manaus como um centro indígena, que se codifica com o movimento dos dedos configurando uma imagem estilizada do cocar, sendo altamente icônico e funcionalmente lexicalizado.

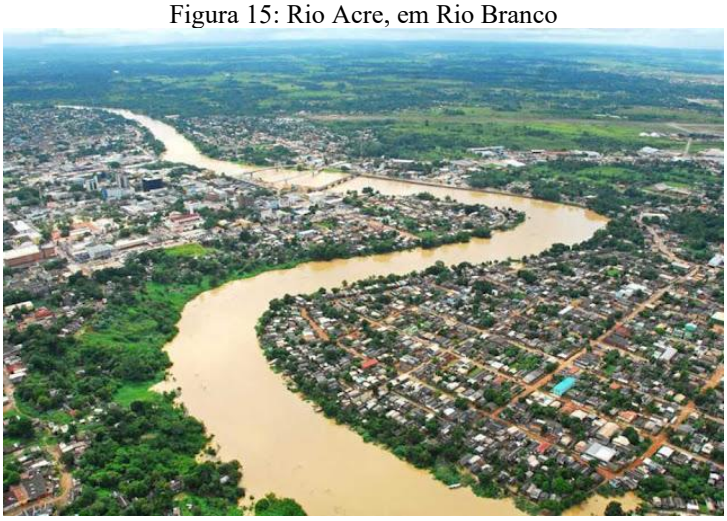
Observa-se, ademais, que a motivação icônica presente na configuração de dedos, a qual remete às penas do cocar, evoca a densidade cultural e identitária da região. Tal construção projeta Manaus como um polo de ancestralidade indígena, codificado por meio de um movimento que delineia a imagem estilizada do adorno. Trata-se de um item iconicamente motivado, no qual a forma visual se funde à representação simbólica do referente.

4.3 Sinal RIO BRANCO

O sinal RIO BRANCO faz referência ao Rio Acre, mais especificamente às suas curvas sinuosas, vistas na Figura 15, a seguir. O Rio Acre é um dos mais importantes elementos geográficos da região norte do Brasil, atravessando o estado do Acre e sendo parte fundamental da configuração física, histórica e simbólica da cidade de Rio Branco, capital do estado. O Rio Acre é mais do que um curso d'água: é uma veia viva que corta o território do Acre e molda profundamente a cidade de Rio Branco. Com suas águas turvas e curvas sinuosas, é elemento-chave da geografia amazônica e canal essencial de comunicação e sobrevivência.

Historicamente estratégico, socialmente vital e culturalmente simbólico, o Rio Acre expressa a alma ribeirinha e a complexidade do modo de vida amazônico.

Figura 15: Rio Acre, em Rio Branco



Fonte: Cidades em Foto (2012).

O sinal toponímico RIO BRANCO é constituído por duas configurações manuais sucessivas: inicia-se com a configuração de mão em R e finaliza-se com a configuração em B. O movimento ocorre ao longo do antebraço esquerdo (ou do lado contrário à mão dominante), deslocando-se desde a base até o dorso da mão, que se encontra com o punho cerrado. Durante a realização do sinal, a configuração de mão em R percorre uma trajetória curva que remete ao fluxo sinuoso de um rio, estabelecendo uma relação icônica com o referente geográfico. Ao final do percurso, realiza-se a transição para a configuração de mão em B, com contato final sobre o dorso da mão.

No início do sinal, o dorso da mão está orientado para frente; ao final, após a mudança de configuração, a orientação do dorso se volta em direção ao corpo do sinalizante. O sinal é articulado com uma única mão, usualmente a mão dominante, com o apoio da mão não dominante para referência espacial. A produção do sinal pode ser vista na Figura 16, a seguir:

Figura 16: Sinal RIO BRANCO

Fonte: YouTube. Sinal RIO BRANCO (2025).

Percebemos no sinal RIO BRANCO uma iconicidade cinestésica e visual, uma vez que o sinal reproduz fisicamente o movimento do rio, com ênfase na corporeidade da representação, de forma que o domínio do movimento e da localização é central, com o uso do próprio corpo como espaço representacional (Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003).

Ao articular o sinal, ativa-se o domínio de representação da natureza (especificamente, o curso d'água), o que viabiliza uma concepção integrada de território. Concomitantemente, evidencia-se o emprego de uma construção de forma geométrica ancorado no espaço corporal. Essa utilização do corpo como suporte locativo, no qual o braço atua como o substrato para o curso e movimento do rio, é característica das construções semilexicais de forte carater icônico (Zeshan, como citado em Dixon & Aikhenvald, 2003; e como citado em Emmorey, 2003). Observa-se, possivelmente, um processo avançado de lexicalização, dado que a representação do curso fluvial já se encontra convencionalizada; tal fenômeno converte o que seria um gesto produtivo em um sinal estável e plenamente integrado ao léxico.

4.4 Sinal BRASÍLIA

O sinal BRASÍLIA faz referência à estrutura arquitetônica do Palácio do Planalto, sede do Governo Federal do Brasil, que se encontra registrado na Figura 17 a seguir. O Palácio do Planalto é mais do que a sede do Governo Federal do Brasil: é uma obra-prima da arquitetura modernista brasileira, símbolo da história política do país e marca cultural do povo brasiliense. Suas formas leves e elegantes refletem os ideais de transparência, inovação e equilíbrio, tornando-se uma referência arquitetônica nacional e internacional. Como parte do conjunto arquitetônico de Brasília, o Palácio do Planalto integra um projeto utópico de cidade, que materializa o sonho de um Brasil moderno, unido e democrático.

Figura 17: Palácio do Planalto, em Brasília

Fonte: Vem Viver Brasília (2011).

O sinal toponímico BRASÍLIA é bimanual, com ambas as mãos dispostas de forma simétrica no formato da letra L. Os dedos mínimo, anelar e médio encontram-se flexionados, enquanto os dedos indicador e polegar estão estendidos, realizando um movimento de abertura e fechamento. O movimento é bidirecional, com ambas as mãos se afastando do centro: a mão direita se desloca para o lado direito e a mão esquerda para o lado esquerdo. O sinal é executado no espaço neutro, sem contato com o corpo. A orientação das palmas é diagonal: a mão direita está voltada para frente, levemente direcionada à esquerda, e a mão esquerda, também voltada para frente, apresenta inclinação à direita. A produção do sinal pode ser visualizada na Figura 18, a seguir:

Figura 18: Sinal BRASÍLIA

Fonte: YouTube. Sinal BRASÍLIA (2025).

Verificamos no sinal BRASÍLIA a iconicidade arquitetônica, similar ao que ocorre com o sinal FLORIANÓPOLIS. Há uma forte iconicidade com base na visualidade da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer. Isso é percebido pelo domínio da forma geométrica (losango), associada ao reconhecimento visual de estruturas urbanas. A forma das colunas é

esquematizada em uma figura geométrica básica, permitindo articulação manual e codificação linguística.

Vale destacar que o sinal remete não só à cidade, mas também à função simbólica do local como centro político, evocando domínios múltiplos de concepção.

4.5 Sinal RECIFE

O sinal RECIFE faz referência às pontes do centro antigo do Recife, vistas na Figura 19 a seguir, que são marcos históricos, culturais e afetivos da capital pernambucana. As pontes representam a ligação entre ilhas e continentes, passado e presente, cultura e cotidiano. Como elementos urbanos e simbólicos, elas refletem a identidade da cidade, sendo referência estética e cultural do povo recifense e um ícone da paisagem pernambucana.

Figura 19: Pontes do centro antigo do Recife

Fonte: Toptour (2019).

O sinal toponímico RECIFE é bimanual e apresenta a configuração de mão aberta, com dedos abduzidos e parcialmente fletidos, caracterizada por mãos simétricas em forma de "garras", com os dedos abertos e levemente curvados em forma côncava. O movimento é bidirecional, com deslocamento simultâneo e oposto: a MD movimenta-se lateralmente para a esquerda, enquanto a ME desloca-se para a direita, de modo que ambas convergem em direção contrária uma à outra. O sinal é realizado no espaço neutro, sem contato corporal. A orientação das palmas se apresenta da seguinte maneira: a palma da MD orienta-se para o lado esquerdo e a da ME, para o lado direito. A produção do sinal pode ser visualizada na Figura 20, a seguir:

Figura 20: Sinal RECIFE

Fonte: YouTube. Sinal RECIFE (2025).

Quanto à iconicidade visual, verificamos que a estrutura das pontes é codificada a partir do contato entre as pontas dos dedos, mantendo relação transparente entre forma e significado, representando a estrutura arquitetônica e a ligação espacial, com domínio visual e percepção tridimensional. Os dedos estão abduzidos e as extremidades estão em contato, o que remete às pontes do antigo centro da cidade.

Quanto ao domínio cognitivo, a produção do sinal mobiliza domínios urbanos e históricos; a imagem prototípica da cidade como espaço de travessias é representada visualmente. O sinal preserva traços visuais da referência, cuja lexicalização passou pelo processo de convenção da comunidade de sinais, mostrando que o sinal icônico é arbitrário (Ferreira, 2010; Leite, 2008).

5 Considerações finais

A amostra de sinais discutida representa o processo de formação de topônimos mais frequente, que é o alicerçado em motivação icônico-cultural. Como observamos, os sinais da LGP e os sinais da Libras se constituem como significantes icônicos que representam, com recurso à metonímia, formas e movimentações, sendo que a representação de símbolos culturais, como a capa universitária no caso português ou o cocar no caso brasileiro, recorre a estruturas classificadoras baseadas na movimentação e na forma dos referentes extralinguísticos. Essas estruturas estão hoje lexicalizadas devido ao uso frequente dos sinais. Ainda que esses sinais sejam arbitrários aos olhos de quem os produz diariamente, todos eles têm uma motivação icônica que parte de símbolos culturais.

No que tange ao caráter icônico dos topônimos na LGP e na Libras, observa-se uma iconicidade derivada da experiência visual, o que sugere um processo de emergência de sinais motivados por formas geométricas que remetem à localidade. No caso de características provenientes de tais formas, o sinal de VIANA DO CASTELO evoca a experiência visual da espuma do mar. Essa perspectiva panorâmica do lugar também se faz presente no sinal de RIO BRANCO, que alude à trajetória do curso de um rio, e, em certa medida, no sinal de RECIFE, que remete às pontes situadas na região central da cidade.

A iconicidade baseada em formas geométricas manifesta-se, ainda, nos sinais de FLORIANÓPOLIS, referente à estrutura de uma ponte, e de BRASÍLIA, que remete à arquitetura de uma edificação. Já nos sinais de BRAGA, GUARDA e MANAUS, observa-se a referência a artefatos de vestuário: em BRAGA, o sinal alude à forma geométrica da mitra papal; em GUARDA, à parte da farda próxima ao queixo; e, em MANAUS, aos adornos de um cocar. Ademais, a iconicidade manifesta-se na experiência corporal de manipulação de objetos, como no sinal de COIMBRA, que remete ao manejo da capa estudantil.

É imperativo ressaltar que o *input* visual e a experiência corporal, ambos condicionados pela cultura e por vivências socialmente partilhadas, promovem a emergência de esquemas de imagem visuais, motivando a preservação de propriedades conceituais sobre os referentes.

O caráter icônico também se manifesta por meio de sinais homônimos. É o caso de ÉVORA, homônimo a BRANCO na LGP, embora ocorra uma variação fonética na articulação. A homonímia também se verifica no sinal de COIMBRA, idêntico ao sinal de PAPA, e, possivelmente, no sinal da cidade de GUARDA, homônimo a GELO.

Por fim, embora não seja o escopo deste artigo, observou-se que alguns topônimos da Língua Gestual Portuguesa se originam de antropônimos. Pesquisas futuras poderão ser realizadas com o objetivo de identificar e comparar as tendências de origem dos topônimos nas línguas de sinais do mundo.

Recebido em: 21/11/2025

Aprovado em: 12/02/2026

Publicado em: 12/02/2026

Referências

Albres, N. A., & Xavier, A. N. (Orgs.). *Libras em* estudo*: descrição e análise*. FENEIS.

Brasil Paralelo (2025). https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/qual-e-o-significado-das-vestes-usadas-pelo-papa-francisco-durante-o-velorio

Castro Júnior, G., Prometi, D., Tuxi, P., & Rodrigues, S. (2019). *Anais do I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas de Sinais*, Appris: 294-313.

Carneiro, B. G., Coura, F. A., & Sousa, A. N. (Orgs.). *Língua Brasileira de Sinais: linguística aplicada, educação e descrição linguística* Pontes Editores.

Castro Júnior, G., Prometi, D., Tuxi, P., & Rodrigues, S. (2019). *Anais do I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas de Sinais*, Appris: 373-383.

Carvalho, P. V. (2006). *Contribuição para o estudo da formação de atribuição dos nomes gestuais nas comunidades de surdos em Portugal* (Dissertação de mestrado inédita). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Cavalheiro, J., Ludwig, C. R., & Lanes, E. J. (Orgs.). (2019a). *Lingu(agem), ensino e formação docente*. Editora UEA.

Chaibue, K. (2022). *Onomástica em Libras em Formosa-GO*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Goiás.

Cidade em Fotos. (2012). *Fotos de Rio Branco (AC)*. Cidades em Foto. https://cidadesemfotos.blogspot.com/2012/06/fotos-de-rio-branco-ac.html

Constituição da República Portuguesa. (1997). *Diário da República.* (2a ed.).

Correia, I., & Morais, A. (2024). Toponímia regional em língua gestual portuguesa (LGP): as capitais de distritos. *JINGA SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas*, *4*(nº Especial I): 32-50. https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1838

Correia, I. S. C., Oliveira, R. P. S., & Sousa, J. R. S. C. (2020). *Como dura o tempo: Expressões com valor aspectual em Língua de Sinais Portuguesa*. In L. Moutinho, R. Coimbra, & A. Bautista (Eds.), Línguas minoritárias e variação linguística UA Editora: 63–90.

Correia, I. S. C., Marcelino Santana, N. A., & Cota da Silva, R. (2020). *Duas línguas e duas interlínguas? Influência do português na Língua de Sinais Portuguesa*. In L. de Castro Moutinho, R. L. Coimbra, & A. Gómez Bautista (Eds.), Línguas minoritárias e variação linguística, UA Editora, Universidade de Aveiro: 91–117.

Dick, M. V. P. A. (1990). *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. Arquivo do Estado.

Dixon, R. F., & Aikhenvald, A. Y. (Eds.). (2003). *Word*: a cross-linguistic typology. Cambridge University Press: 153-179.

Emmorey, K. (Ed.). (2003). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Lawrence Erlbaum Associates: 113-141.

Everett, D. (2020). O papel da cultura na língua(gem) e na cognição. *Cadernos de Linguística*, *1*: 1-37.

Ferreira, L. (2010). *Por uma gramática de língua de sinais*. Tempo Brasileiro.

Ferreira, D., & Xavier, A. N. (2020). Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que designam bairros de Curitiba (pp. 6-18). *Anais da XXI Semana de Letras - UFPR, 21.* Cadernos da XXI Semana de Letras, v. II: 6-18.

Givón, T. (1989). *Mind, code and context*: essays in pragmatics. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1989.

Haiman, J. (1985). *Iconicity in syntax* John Benjamins Publishing Company: 187-220.

Jesus, C. M. A. (2019). *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras.* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Feira de Santana.

Johnson, M. (1992). *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press.

Johnston, T., & Schembri, A. (1999). On defining lexeme in a signed language. *Sign Language & Linguistics*, *7*(1): 115-185.

Kendon, A. (2004). *Gesture: visible action as utterance.* Cambridge University Press.

Langacker, R. (2008). *Cognitive grammar: a basic introduction.* New York: Oxford University Press.

Lei nº 54, de 6 de julho de 2018. Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva. Diário da República, Lisboa, 1.ª série, n.º 128. https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961

Leite, T. A. (2008). *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo.

Liddell, S. K. (2003). *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge University Press.

McCleary, L., & Viotti, E. (2011). Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*, 1: 289-304.

Machado, M. (2011). *Exposição 100 anos GRN.* Operacional. https://www.operacional.pt/exposicao-100-anos-gnr/

Miranda, R. G. (2020). *Toponímia em Libras: descrição dos sinais dos municípios do Tocantins.* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Tocantins.

Morais, A., & Correia, I. (2022). *Toponímia em língua gestual portuguesa* las capitales de Territorio. Politécnico de Coimbra. https://cnlse.es/es/recursos/biblioteca/toponimia-regional-em-lingua-gestual-portuguesa-lgp-las-capitales-de-territorio

Naves, L. (2025). *Ponte Hercílio Luz, Florianópolis*. Instituto Lucas Naves, [s.d.]. https://www.lucasnaves.com.br/ponte-hercilio-luz-floriano

Nonaka, A. (2015). *Learning communities*. Special Issue *Indigenous Sign Language*, (16), setembro.

Nunes, R. J. (2018). *Os sinais de denominações municipais de Sergipe em Libras: descrição e análise.* [Especialização]. Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe.

Paales, L. (2011). On the System of Place Name Signs in Estonian Sign Language. *Journal of Ethnology and Folkloristics, 4*(2).

Quadros, R. M. de., Schmitt, D., Lohn, J. T., & Leite, T. de A. (2020). *Corpus de Libras*. Disponível em: http://corpuslibras.ufsc.br/.

República Portuguesa. (2018). *Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho*. Diário da República, 1.ª série, n.º 129. https://diariodarepublica.pt

República Portuguesa. (2005). *Constituição da República Portuguesa* (7.ª rev.). Diário da República. https://diariodarepublica.pt

Ribeiro, M. do C. F. (2023). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano*. [Tese de Doutorado]. Universidade do Minho.

Ribeiro, M.C. (2008). *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana.* [Tese de Doutorado]. Universidade do Minho. https://www.academia.edu/81471403

Rio-Torto, G. (2023). Renovação da antroponímia em Portugal: o que os dados dos séculos XX E XXI mostram. *Estudos da Língua(gem), 21*(1), 62-82. DOI: 10.22481/el.v21i1.10088. https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/16277

Rodrigues, I. C., & Baalbaki, A. C. F. (2014). Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, *14*(4), 1125-1149. https://doi.org/10.1590/S1984-63982014005000021

Shutterstock. (2025). *Basílica Santa Luzia ao pôr do sol; Viana do Castelo, Portugal*. https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/basilica-santa-luzia-sunset-viana-do-2567419159

Shutterstock. (2017). *Street View Beautiful Old Residential Buildings*. https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/street-view-beautiful-old-residential-buildings-761752579

Soares, R. (2017). *Os indígenas Kaiapó e seus cantos maravilhosos*. Conexão Planeta. https://conexaoplaneta.com.br/blog/os-indios-kaiapo-e-seus-cantos-maravilhosos/

Sousa, A. M. (2022). *Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade.* Pimenta Cultural.

Sousa, A. M., Garcia, R., & Santos, T. C. (Orgs.). (2019b). *Perspectivas para o ensino de línguas 3*. Pedro & João Editores. https://ebookspedroejoaoeditores.wordpress.com/2019/09/13/perspectivas-para-o- ensino-de-linguas-volume-3/

Souza Júnior, J. E. G. de. (2012). *Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira*. Uma perspectiva de toponímia por sinais. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília.

Souza, K. M., & Novodvorski, A. (2020). Toponímia em Libras: análise da origem motivacional em sinais toponímicos do estado de Goiás. *Revista do Sell*, *9*(1): 36-54. DOI: 10.18554/rs.v9i1.4106

Taub, S. F. (2001). *Language from de body: iconicity and metaphor in American Sign Language.* Cambridge University Press.

Toptour, A. (2019). *O que fazer em Recife e Olinda?* Roteiro para 2 dias. Top 5 Tour. https://www.top5tour.com.br/o-que-fazer-em-recife-e-olinda/

Turismo Universidade de Coimbra. (2020). *Curiosidades*. Facebook, 2020. https://www.facebook.com/photo/?fbid=3228395350543050&set=a.124570770925539

Unternbäumen, H. H., Santos, P. T., Leitão, A. B., Pereira, I. M., Silva Neto, V. S., & Araujo, E. C. (2017). A construção metafórica e metonímica do signo em Língua de Sinais Brasileira: uma análise cognitivo-cultural. *Revista de Letras*, v. 1, n. 36, 2017. DOI: https://doi.org/10.36517/2525-3468.rdl.v1i36.2017.31218

Urbanski, I. R., Ferreira, D., & Xavier, A. N. (2020). Contribuições aos estudos toponímicos da Libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras. *Revista GTlex*, v. 6: 1-33, 2020. https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/57728

Urbanski, I. R. W., Xavier, A. N., & Ferreira, D. (2019). Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná: 64-73. Anais da XXI Semana de Letras - UFPR, 21. Universidade Federal do Paraná.

Vem Viver Brasília. (2011). *Palácio do Planalto*. Vem Viver Brasília. https://vemviverbrasilia.blogspot.com/2011/08/palacio-do-planalto.html

Xavier, A. N., & Ferreira, D. (2011). Análise morfológica de topônimos da Libras com base em sinais que nomeiam bairros de Curitiba. *Revista de Letras*, v. 1: 119-144, 2021. https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/80573

Xavier, A. N., & Ferreira, D. (2021). Análise morfológica de topônimos da libras com base em sinais que nomeiam bairros de Curitiba. *Revista de Letras, 1,* 119-144.

YouTube. Sinal BRAGA. (2025). https://www.youtube.com/watch?v=0WpvHvJEtBo

YouTube. Sinal BRASÍLIA (2025). https://www.youtube.com/watch?v=LFaFlAWHaoE

YouTube. Sinal COIMBRA (2025). https://www.youtube.com/watch?v=i6hAxyVhB3g

YouTube. Sinal ÉVORA. (2025). https://www.youtube.com/watch?v=BC_SPwSjFlw

YouTube. Sinal FLORIANÓPOLIS (2025). https://www.youtube.com/watch?v=Fk5H_eX8Pxs

YouTube. Sinal GUARDA (2025). https://www.youtube.com/watch?v=BzKKUYj1aDw

YouTube. Sinal MANAUS (2025). https://www.youtube.com/watch?v=Fk5H_eX8Pxs

YouTube. Sinal RECIFE (2025). https://www.youtube.com/watch?v=ddik-u0o498

YouTube. Sinal VIANA DO CASTELO (2025). https://www.youtube.com/watch?v=SWqQ-tBo9CQ

YouTube. Sinal RIO BRANCO (2025). https://www.youtube.com/watch?v=6CZEiqr1Ifk.